

Engano perigoso

ESTAVA CANSADO DE NÃO FAZER NADA. Domingo chuvoso. Mas a rotina agitada da delegacia também não era muito agradável. Quando vivia com Marlene, única mulher que conseguira suportar seu modo calado de ser, costumava sair com ela para almoçar em algum restaurante da redondeza.

Sentado na velha poltrona do apartamento no Itaim Bibi, tinha ao lado, sobre a mesa improvisada, uma agenda telefônica desgastada. Talvez fosse bom colocá-la em ordem. Apagar os números que não mais interessavam ou dos que já morreram; ou procurar o telefone de algum amigo. As páginas rabiscadas... De quem seria aquele número anotado em vermelho? Vamos ver...

– Quem fala?

– Ah! É você? Sabia que ia telefonar pra saber se estou viva.

– Como?!

– Eu repassei parte do dinheiro pra eles; se não depositaram na sua conta, eu não tenho culpa. Fiz a minha parte. Não quero mais negócio com você. Tô fora.

– Mas... eu queria saber...

– É, já falei. Os dólares? É o combinado. Se insistir sabe que eu tenho como me defender. Não quero mais saber de negócio com você. Fiquei sabendo que importam mais do que tapetes e tenho como provar. Manda aqueles gorilas pararem de andar atrás de mim!

– Com quem estou falando?

Sem responder, ela desligou o telefone. Quem seria? Não tinha a menor ideia. Subitamente o telefone toca.

– Você ligou pra mim? O número está registrado no meu celular. Quem é você?

– Eu é que pergunto. Tinha esse número na minha agenda e queria saber de quem era.

– Agora você sabe! E sabe mais coisas do que deveria. Quem é você?

– Eu sou Ari, investigador de polícia que não tem o que fazer num dia de folga e fica telefonando sem saber pra quem.

Ligação interrompida. Ele não se interessou em saber quem era. Mas a fala era comprometedor! Investigador de polícia que gosta de sua profissão suspeita de quase tudo. Novamente o telefone toca.

– Já que não conheço você e que ligou pra mim por acaso, acho que devo confiar no destino. Você é investigador, e o que eu disse sem pensar vai deixar você em perigo também. Se eles me matarem, vão ver os meus telefonemas... Estou precisando de ajuda.

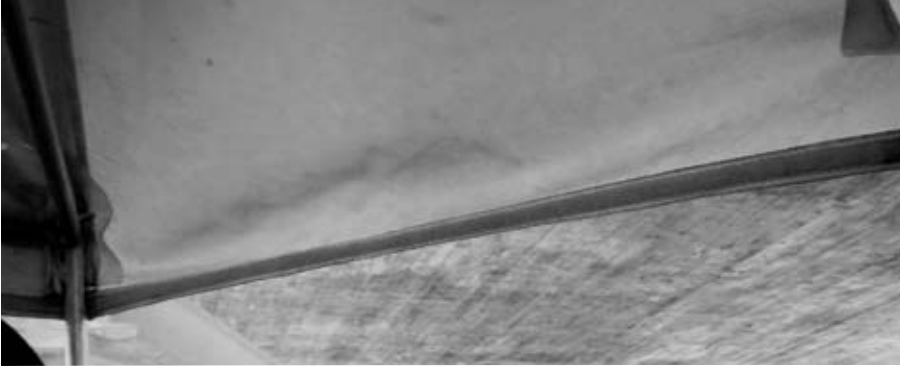
– É melhor ir até a delegacia mais próxima e registrar sua queixa. Esta é a maneira mais segura.

– ... de ser assassinada antes mesmo de chegar lá. Encontre comigo daqui a uma hora na Feira de Antiguidades do Masp, barraca de número oito. Desligou.

*

A chuva caiu forte. O vaso na varanda ficou encharcado. O melhor seria trazê-lo para dentro da sala. Empurrou o vaso e começou a ter uma leve sensação de que conhecia aquela voz. Nas primeiras palavras, ela parecia um pouco atrevida, mas tornou-se aflita na segunda e quase desesperada na terceira.

Ele deveria ir ao encontro se quisesse saber quem era. Começou a ter uma ligeira suspeita de que era uma moça que conhecera na casa do capitão Felipe numa festa de fim de ano. Encontro bem informal que resultou num... ligue pra mim.



— ... de ser assassinada antes mesmo de chegar lá. Encontre comigo daqui a uma hora na Feira de Antiquidades do Masp, barraca de número oito. Desligou.



Ela chamava a atenção de todos por sua trança negra jogada à frente do seu corpo. Enquanto caminhava pela sala, entre os convidados, acariciava sensualmente seu cabelo como se nada nem ninguém lhe interessasse. Era bonita e sabia disso. Usava um xale de tecido muito leve que realçava a cor morena de sua pele. Os olhos claros, mas as sobrancelhas, também negras e espessas, sugeriam origem boliviana, não seu sotaque, quando se chegou até ele para perguntar... como conhecera o capitão Felipe.

Naquela hora não estava com vontade de conversar com ninguém que pudesse desviar sua atenção do sujeito que falava com Felipe. Era um falsário que ele havia conseguido enquadrar por crime de falsificação, o que o deixava muito desconfortável. Foi embora antes mesmo da meia-noite. É, a voz poderia ser dela.

E já que não tinha nada para fazer, resolveu ir ao encontro e assim quebrar a monotonia daquele domingo chuvoso.

Pegou o guarda-chuva e desceu para a garagem. Seu carro, um Chevrolet ano oitenta e nove, ficava parado muito tempo porque quase não precisava dirigir. A delegacia ficava próximo e esse foi um dos critérios que usara para alugar o apartamento do Itaim Bibi.

O bairro oferecia tudo de que precisava, o que para um homem sozinho não era mais do que uma padaria bem perto, uma lavanderia e alguns lugares de comida rápida e caseira.

Precisou mais de uma vez fazer o carro pegar. O coitado fazia um esforço danado para subir a rampa da garagem, o trânsito estava tranquilo e conseguiu alcançar a Avenida Paulista. Deixou o carro na Peixoto Gomide e foi até o Masp.

A feira, naquele dia, estava cheia de compradores, normalmente estrangeiros, que se hospedam nos hotéis em torno da Paulista. Procurou a barraca de número oito.

Isabel estava de costas falando com um provável comprador. Ele reconheceu sua trança negra e confirmou seu nome com o rapaz que estava por perto. Enquanto aguardava que ela atendesse um cliente, ficou admirando a beleza dos tapetes. Não entendia muito, mas sabia que eram orientais e caros. Na década de

*Ficou aborrecido,
mas tentaria
encontrá-la em
alguma das
lanchonetes da
redondeza.
Entrou em uma
delas, de nome
Dom Gomes, e
não resistiu a
uma coxinha e
um croquete.*



oitenta, esse tipo de mercadoria chegava no Brasil aos montes.

Deu uma volta apreciando outros artigos e quando voltou até a barraca número oito, Isabel não estava mais lá. Perguntou ao rapaz e foi informado de que ela tinha ido tomar um lanche, mas não sabia dizer onde.

Ficou aborrecido, mas tentaria encontrá-la em alguma das lanchonetes da redondeza. Entrou em uma delas, de nome Dom Gomes, e não resistiu a uma coxinha e um croquete. Sabia que esse tipo de fritura lhe daria uma azia danada, mas, como sempre, trazia no bolso o antiácido.

Não deu outra. Passados alguns minutos, seu estômago começou a queimar. Não tinha a menor vontade de voltar para seu apartamento. Resolveu ir até a delegacia bater um papo com o Valdomiro.

Dessa vez o carro demorou mais do que o normal para pegar. Já estava quase resolvido a deixá-lo lá, quando viu Isabel atravessando a rua. Saiu depressa, fechou a charanga e foi atrás dela.

Quando ouviu seu nome, ela voltou-se assustada e, se ele não se identificasse logo, ela teria saído correndo.

– Por que não me procurou na barraca como combinamos? Aqui perto do Trianon estamos muito expostos. É um lugar perigoso. Ele apontou seu carro logo na esquina... “assim podemos conversar”.

No caminho até o carro ficou esclarecido o telefonema casual que ela tomara como providência divina. Melhor era não ficarem parados, mas andarem como se fosse um passeio de casal. Desta vez... surpresa, seu carro pegou na primeira.

Isabel parecia nervosa. Olhava para trás e falava com rapidez. Disse que precisava de sua proteção porque estava sendo ameaçada de morte por alguém. Usava todo seu charme feminino acariciando a trança. Com ar de desprotegida, perguntou se ele não poderia ser seu guarda-costas.

Ari estava indeciso. Não entendia bem se ela estava tentando seduzi-lo ou se precisava mesmo de seu trabalho. O certo era que ela não queria dizer quem a estava ameaçando, embora soubesse

muito bem de quem se tratava. Claro, chegara mesmo a confundir sua voz com a do ameaçador.

Como investigador chefe de uma equipe de policiais ele não teria tempo para exercer essa função, mas ia, sim, procurar alguém que pudesse fazer o trabalho e entraria em contato com ela.

Ela pediu para descer do carro na calçada da Peixoto ao lado do Parque Trianon e ele, como havia planejado antes, foi até a delegacia bater um papo com o pessoal.

*

Quando chegou, Valdomiro quis logo provocar:

– Oi, Ari, não está de folga hoje? Trouxe coxinha pra mim?

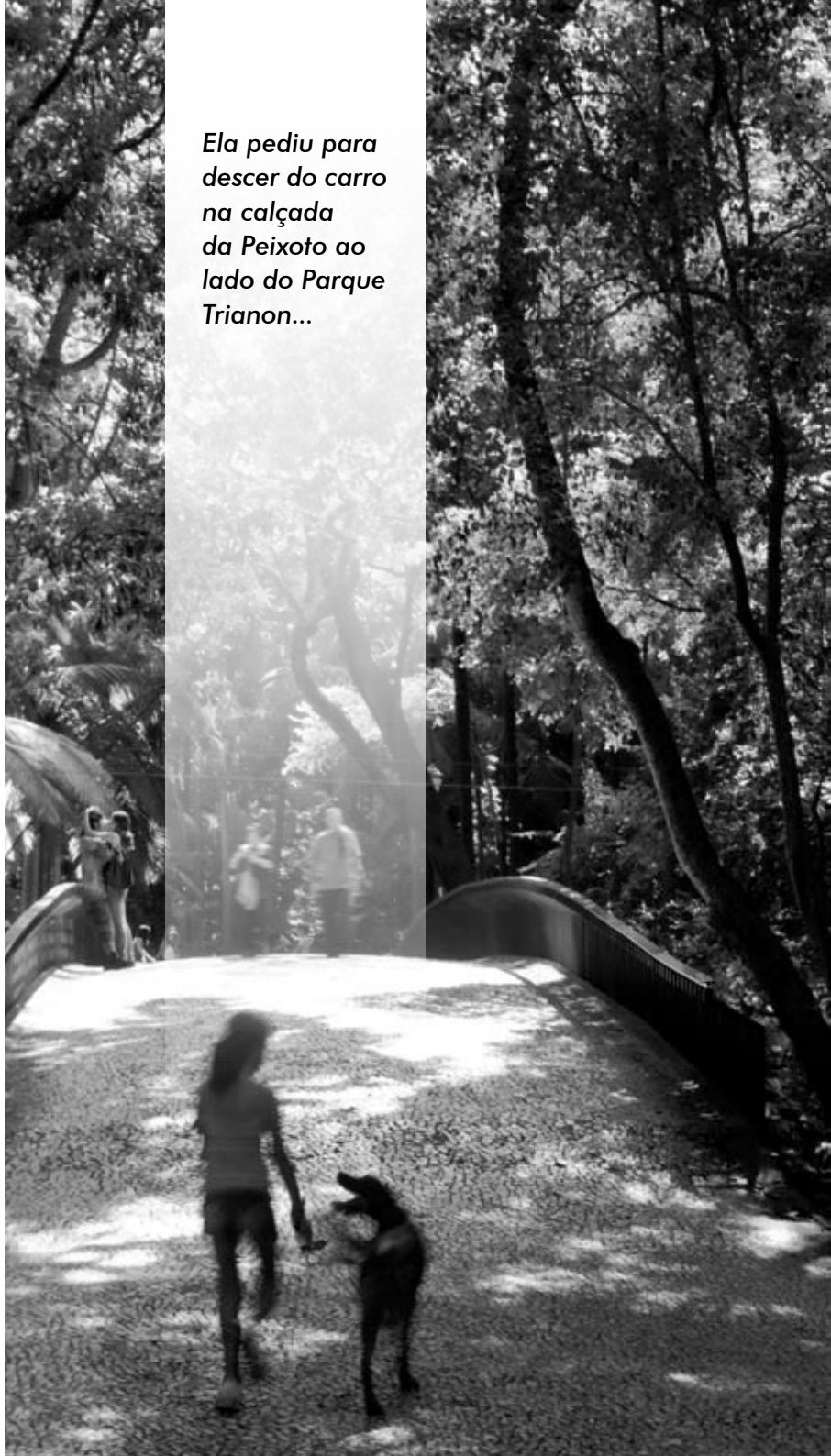
Sorrindo, disse que não. Bem que devia ter trazido aquela que comera há pouco e que na certa lhe causaria outra azia danada.

O rapaz era simpático. Sabia tudo o que se passava na delegacia e fora dela. Principalmente aqueles assuntos que não são bem de trabalho, ou seja, fofocas pessoais. Ari não se preocupava com isso e permitia alguma intimidade do Valdomiro, como chamá-lo baixinho de “faro de mulher”. Até que gostava do apelido porque, se é como dizem que as mulheres têm mais intuição que os homens, ele tinha muita, o que no caso seria bom “faro policial”.

A mesa em que o rapaz trabalhava como escrivão ficava ao lado da sua, e esse contato diário, de vários anos, estabelecera entre eles uma grande amizade e confiança. Muitas vezes levava-o em diligências. O chato era que depois o rapaz queria saber tudo sobre o caso. Dizia ser um detetive frustrado. Só não abria um escritório de investigações porque tinha família para sustentar e que emprego público era mais seguro.

Ari tomou café de garrafa térmica, acendeu um cigarro e sentou-se na cadeira giratória. Era viciado não só no cigarro mas também naquele café horroroso. Seu estômago parecia bater palmas por mais um pouco de fogo que lhe dava. Ficou pensando se deveria ou não procurar alguém para proteger Isabel e perguntou

*Ela pediu para
descer do carro
na calçada
da Peixoto ao
lado do Parque
Trianon...*



se Valdomiro gostaria de ser guarda-costas, ao que ele respondeu com jeito malandro:

– Só se for de mulher bonita.

Ele não respondeu. Lembrou-se de Isabel e de como a tinha conhecido. Talvez Valdomiro soubesse alguma coisa a respeito do capitão Felipe. Por curiosidade perguntou:

– Você sabe onde está o capitão Felipe?

– Na cadeia do Barro Branco, você não sabia?

Desde aquela festa de fim de ano em que conhecera Isabel, já suspeitava de algum envolvimento do capitão com a banda padre da polícia. Afastou-se dele como se afastava de qualquer tipo de negócio suspeito. Não por motivos morais rígidos, mas porque não gosta de nada escondido, grunado como um rio subterrâneo. Não, não era nenhuma vestal, mas conseguia ser honesto, ser um cara que gostava da sua profissão e tinha orgulho dela. Dizem que de médico e de louco todos têm um pouco, mas achava que se esqueceram de acrescentar que todos gostam de um certo mistério, de desvendar um segredo e de um pouco de suspense.

– O Felipe foi preso pela Receita Federal. Fazia parte daquela quadrilha que contrabandeava tapetes – continuou Valdomiro. Por que você quer saber dele?

Contou-lhe o que havia acontecido e como conhecera Isabel.

– Como é que o cara podia dar aquelas baitas festas, Ari? Com que dinheiro? De capitão da Polícia Militar é que não era...

Concordou com o jovem e se despediu. O melhor seria voltar para casa e esquecer-se do assunto e até de Isabel. Não estava a fim de se envolver. Passaria na padaria pra comprar pão fresquinho, uns 200 gramas de mortadela e resistiria às coxinhas, porque a que tinha comido ainda estava falando em seu estômago.

* * * * *